

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA



## O MELHOR PRÊMIO AINDA É A VIDA

Alberto Beuttenmuller

**S**ÃO PAULO — Um dos nomes mais citados para receber o prêmio Moinho Santista deste ano, no valor de Cr\$ 100 mil, o escritor e historiador Sérgio Buarque de Holanda, manifesta surpresa, "caso isso se concretize". Calmamente sentado em sua poltrona predileta a lançar a fumaça de seus Gauloises, os quais fuma um após o outro, com voz grossa e gutural diz simplesmente: "Se me derem o prêmio, não recusarei. Minha única atitude de recusa foi em relação à Academia Brasileira de Letras, pois o estilo acadêmico não combina com minha personalidade. Pertencço à Academia Paulista de Letras à minha revelia, pois candidataram-me e elegeram-me sem que me desse conta disso. Só tomei posse três anos depois. Mas um prêmio importante como o Moinho Santista receberei com prazer. Mas estou cético quanto à escolha de meu nome".

Autor de *Raízes do Brasil*, hoje em décima-primeira edição, com traduções em italiano e espanhol, e alguns trechos traduzidos em alemão e inglês, Sérgio Buarque de Holanda tem o semblante tranquilo daqueles que cumpriram sua missão. Aposentado há nove anos como professor da Universidade de São Paulo, trabalha agora "mais que nunca, pois tenho todo o tempo disponível". Sérgio Buarque de Holanda levanta-se para pegar o seu livro *Raízes do Brasil* editado em japonês, e faz uma brincadeira: "Não entendo japonês, mas creio que é aqui que começa o livro", e aponta o que seria a última página de uma obra ocidental, mas a primeira de qualquer livro oriental.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo, no dia 11 de julho de 1902, completando, assim, 76 anos no próximo mês. Sua vida intelectual começou como representante da revista *Ardeantina Klaxon*, em 1922, fundando mais tarde, em 1924, com Prudente de Moraes Neto, a revista *Estética*. Um ano antes se formara em Direito no Rio, na mesma turma de Prado Kelly e Vasco Leitão da Cunha. Nessa época, Sérgio Buarque de Holanda escrevia crítica literária em diversos jornais e revistas, mas com a mente sempre voltada para o estudo da História.

— Entre 1929 e 30 morei na Alemanha, principalmente em Berlim, onde ajudei a fazer uma revista teuto-brasileira. Depois disso, voltei ao Rio, lugar em que morei por 25 anos. Trabalhou no Instituto Nacional

do Livro e na Biblioteca Nacional, onde tentou criar uma publicação que se chamaria Biblioteca Popular Brasileira, mas não atingiu seu objetivo. Em 1940 leciona e faz conferências nos Estados Unidos, onde retornará mais tarde, em 1949-50, e mais tarde em 66/67, nas Universidades de Indiana, Yale e State University.

— Fui diretor do Museu Paulista, conhecido também por Museu do Ipiranga, de 46 a 56. Fazia algumas pausas para viajar, mas sempre retornava ao Museu. Substituí o Afonso Taunay na direção desse Museu. Fiz mestrado e doutoramento na Escola de Sociologia e Política, onde também exerci o cargo de professor interino. Mais tarde troquei essa Escola pela USP, onde concorri e ganhei o concurso para a cátedra de História da Civilização — diz Buarque de Holanda.

Sérgio Buarque de Holanda conta que a idéia de escrever *Raízes do Brasil* surgiu por acaso, quando fez um artigo para a revista *Espelho*, do Rio. Desse artigo em que retomava as idéias de Ribeiro Couto na definição do brasileiro como "homem cordial", nasceu o germen da obra *Raízes* publicada em 1936. Quase toda a obra de Sérgio Buarque de Holanda é de cunho edênico, desde o descobrimento até a colonização do Brasil. *Monções* é de 1945. Três anos depois lançava a *Expansão Paulista no Século XVI e Começo do XVII. Índios e Mamelucos na Expansão Paulista* foi publicado em 1949. Mais tarde, em 1957, lançou *Caminhos e Fronteiras*, e dois anos depois *Visão do Paraíso*. Sérgio Buarque de Holanda pesquisou muito em arquivos europeus, principalmente entre 1953 e 54 em Roma, quando serviu como adido cultural na Embaixada do Brasil. Nesse mesmo ano defende sua tese *Le Brésil dans la Vie Américaine*, em um congresso realizado em Genebra, sobre o tema O Novo Mundo e a Europa.

— Gosto muito da Itália. Gostaria de viver meus últimos dias em Roma, mas parece que a coisa por lá anda muito quente. No momento, estou preocupado com a edição da coleção *História da Civilização Brasileira*.

Buarque de Holanda não sabe em quantos volumes terminará essa coleção, pois sente que à medida que "o trabalho caminha, o próprio entusiasmo do historiador vai determinando a quantidade correta".

SBH  
Pt 145 e 14

78/06/17  
Jornal do Brasil

Jornal do Brasil  
17.6.1978